Olá, estudante, seja bem-vindo à primeira aula da disciplina Empreendedorismo e Inovação. Aqui, você aprenderá que existem muitas definições para o termo empreendedorismo, mas todas tratam essencialmente da habilidade de identificar problemas reais da sociedade e desenvolver soluções para esses problemas, por meio do investimento de recursos financeiros e não financeiros. Além de ter contato com as principais definições, você compreenderá em detalhes a origem de cada uma delas e como a prática do empreendedorismo no mundo influenciou as características do universo empreendedor no Brasil. Após o estudo desta aula, você estará munido dos fundamentos importantes para que possa estimular a sua motivação em encontrar boas oportunidades para empreender com um novo negócio ou na empresa em que atua.

**Panorama do empreendedorismo**



Há 20 anos, o termo empreendedorismo, certamente, não seria encontrado nos principais dicionários brasileiros. Porém, não significa que na história de evolução econômica do mundo não existam pessoas ultrapassando barreiras estruturais, comerciais e culturais para desenvolver soluções para os grandes paradigmas da sociedade. A diferença é que, por muitos anos, no nosso país, essas pessoas eram associadas a agentes de mudanças ou, até mesmo, desestruturadoras sociais.

Contudo, o crescimento populacional desencadeou o crescimento dos grandes centros urbanos e evidenciou problemas ainda mais ameaçadores para a continuidade da sociedade, como o déficit de moradias e a escassez da matriz energética, exigindo o desenvolvimento de soluções rápidas. Por outro lado, a humanidade evoluiu, e o comportamento de consumo das pessoas passou a demandar grandes transformações e experiências inovadoras ainda não atendidas com os negócios existentes.

É então que o termo empreendedorismo ganha espaço nos dicionários brasileiros, com base nos estudos dos precursores do tema, como Joseph A. Schumpeter, Peter Drucker e Richard Cantillon, e difundidos por Fernando Dolabela e José Dornelas.

Inicialmente, na Idade Média, empreendedorismo era um termo designado às pessoas que gerenciavam grandes projetos de produção, por meio da utilização dos recursos disponíveis que eram oferecidos pelo governante. Como não se tratava de recursos do próprio empreendedor, que se limitava a gerenciar os projetos, este não assumia riscos financeiros.

Posteriormente, no século XVII, uma importante mudança no uso da palavra foi dada por Richard Cantillon, economista franco-irlandês, que diferenciou o empreendedor do capitalista, sendo o primeiro aquele que assume riscos, e o segundo, o que fornece o capital, com perfil conservador. Durante todo esse século e no seguinte, vários economistas europeus se dedicaram ao aprofundamento das definições de empreendedor e capitalista e, em todos os estudos, a definição que traz a busca por riscos, reunindo capital e trabalho disponível, já aproxima as duas personas, a do capitalista e a do empreendedor, para uma única. O resultado desta aproximação fez com que, no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX, o termo empreendedorismo passasse a ser classificado como a prática de toda e qualquer pessoa que gerencia ou administra uma empresa, paga os empregados, planeja e executa as ações, visando a resultados superiores, corroborando com o capitalismo (DORNELAS, 2001).

Porém, faltava o componente da inovação para solucionar problemas e criar oportunidades para chegarmos à definição atual de empreendedorismo. Então, em 1911, o economista e cientista político austríaco Joseph Schumpeter publicou uma obra intitulada *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, na qual a definição atual de empreendedorismo passa a vigorar. Segundo Schumpeter (1985), o empreendedorismo é praticado por uma pessoa que realiza novas combinações dos meios produtivos, gerando desenvolvimento econômico, por meio da introdução de um novo bem ou método de produção, ou ainda da abertura de um novo mercado ou da conquista de uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou bens semimanufaturados, entre outras possibilidades de inovação. E é nessa definição que nos ancoramos no Brasil.

Desde a década de 1980, cursos de graduação e especialização começaram a oferecer disciplinas associadas ao empreendedorismo, como “Novos Negócios” e “Criação de Empresas”, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pela Universidade de São Paulo (USP), respectivamente. Mais recentemente, nos anos 1990, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) protagonizou a formação de grupos de estudo na área. Mas, Fernando Dolabela, consultor e palestrante, foi o pioneiro na difusão do movimento empreendedor nacionalmente, por meio do contato com especialistas mundiais. A partir de então, diversos órgãos e universidades passaram a se dedicar não só ao ensino mas também à formação de empreendedores nacionais.

**Números do empreendedorismo**



Como já dito anteriormente, é o estudo de Joseph Schumpeter sobre empreendedorismo que ancorou a disseminação desse movimento no Brasil e, portanto, é nele que aprofundaremos o nosso conteúdo.

No livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, escrito por Schumpeter, em 1942, o termo destruição criativa foi definido por ele como mola propulsora para a promoção do empreendedorismo: a criação de novos produtos, meios de produção mais eficientes e empresas mais eficazes em seus mercados, impulsionando sobremaneira o capitalismo e a competitividade. A destruição criativa favorece a inovação e proporciona mais opções para as pessoas consumirem e terem no que empreender, porém deixa as pessoas e as empresas que atuavam em determinada área antes da inovação temporariamente fora do mercado, chegando, algumas vezes, a não integrarem novamente a ele.

A observação da história permite a constatação de diferentes exemplos de destruição criativa que promoveram o empreendedorismo, como a substituição dos cavalos pelos trens e, depois, pelos carros, como meio de transporte. Essa substituição é relacionada ao tamanho do mercado que a inovação atingiu. É fato que até hoje existem pessoas se deslocando com trens e, até mesmo, cavalos, mas não é a grande parte da população.

Outro exemplo foi a criação do celular, que gradativamente substituiu o uso do telefone fixo e, ainda, foi substituído pelos smartphones, uma versão bem mais completa e com mais funcionalidades, que transformou completamente a relação de uso dos consumidores com o produto.

Figura 1 | A evolução dos aparelhos de telefonia. Fonte: Pixabay.

Considerando que a destruição criativa está diretamente conectada à prática do empreendedorismo, uma pesquisa anual do nível nacional da atividade empreendedora começou a ser praticada em 1999, com a participação de 10 países, mas, em 2019, já contou com mais de 100 países participantes. A pesquisa se chama *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) e envolve a exploração do papel do empreendedorismo no crescimento econômico nacional e revela a riqueza das características associadas à atividade empreendedora.

A versão de 2019 da pesquisa GEM diz que a taxa de potenciais empreendedores no Brasil foi de 30,2%, ou seja, 3 de cada 10 brasileiros não empreendedores pretendem abrir um negócio próprio nos próximos três anos. Essa foi a segunda maior taxa entre os países estudados, estando atrás apenas da Índia (33,3%), Todos os outros países, incluindo China e EUA, polos mundiais de inovação e tecnologia, ficaram com a média inferior a 22%, sendo a Alemanha a detentora da menor taxa (9,1%), conforme a Tabela 1:

|  |  |
| --- | --- |
| **Economias**s**elecionadas** | **Taxas** |
| **Brasil** | 30,2 |
| **África Do Sul** | 11,9 |
| **Alemanha** | 9,1 |
| **Austrália** | 13,0 |
| **China** | 21,4 |
| **Estados Unidos** | 13,7 |
| **Índia** | 33,3 |
| **México** | 16,3 |

Tabela 1 | Taxas, em porcentagem, de potenciais empreendedores. Fonte: GEM (2019 *apud* ONOZATO *et al.*, 2020, p. 36).

Vale ressaltar que, na pesquisa realizada em 2004, o Brasil tinha 24% de potenciais empreendedores.

Então, você pode estar se perguntando os motivos pelos quais essa taxa cresceu a ponto de superar a de países desenvolvidos economicamente. O fato é que, até a década de 1990, era bem improvável que um estudante trocasse um bom emprego com carteira assinada e garantias em uma empresa consolidada para abrir um negócio próprio, ou seja, empreender. As próprias escolas combatiam essa hipótese, direcionando os estudantes para o setor privado ou até mesmo para concurso público, em busca de estabilidade. Com a mudança dessa concepção, no início dos anos 1990, por meio da atuação de instituições, como Sebrae, já exposto no bloco anterior, o Brasil avançou de vez na educação empreendedora, favorecendo o crescimento do número. Somado a isso, veio a Lei Geral das Microempresas, que facilitou a criação da figura do empreendedor individual, categorizando-o em micro e pequeno empreendedor.

Mas, afinal, o que é empreender na prática? Na sequência, estudaremos alguns exemplos práticos.

**Casos de sucesso de empreendedorismo**



A essa altura do conteúdo, você já sabe muito bem qual a relação entre destruição criativa e empreendedorismo, definida por Schumpeter, não é mesmo? Mas, se ainda precisa de um reforço, aqui vai: é a figura da pessoa empreendedora que é responsável pelo processo de destruição criativa e, com isso, pode criar: novos produtos, novos métodos produtivos e até mesmo novos mercados, trazendo eficiência e melhor custo-benefício nos produtos e serviços oferecidos (SCHUMPETER, 1985). Vamos conhecer alguns exemplos?

Quando falamos da criação de novos produtos, o iPod é um excelente exemplo. O player portátil, que já foi o mais comprado no mundo, foi criado por Tony Fadell, que teve a ideia de criar seu próprio MP3 player e, com isso, a Apple o contratou junto a uma equipe de especialistas em desenvolvimento de produtos, para lançar o tão conhecido iPod.

Um exemplo de empreender em prol de um novo método de produção é o famoso método Toyota de produção, que surgiu com o propósito de tornar a linha de montagem de carros mais enxuta e ágil. Conhecido por Toyotismo, foi desenvolvido por Taiichi Ohno, entre 1947 e 1975, e gerou como resultados: diminuição do desperdício, zero estoque, melhoria do tempo de espera, eliminação de gargalos de transporte, entre outros.

E, por fim, um exemplo de empreendedorismo que proporcionou a criação de novos mercados é o caso da fundação da China in Box no Brasil. Em 1990, Robinson Shiba, empreendedor paranaense formado em Odontologia, observou que o único serviço de entregas existentes no ramo de alimentação no Brasil era o de pizzas. Além disso, no nosso país, a comida chinesa não era muito popular, por conta da falta de cuidado de muitos restaurantes com higiene e limpeza. Foi então que Shiba abandonou a carreira de dentista e inaugurou, em 1992, a primeira loja em São Paulo com cozinhas cercadas de vidro, para que as pessoas no atendimento pudessem acompanhar ao vivo o preparo da comida. Mais do que isso, o modelo de entrega que ele desenvolveu foi totalmente inovador para a época: a comida ia em caixinhas individuais, o que garantia a qualidade da entrega. Resultado: hoje, o China in Box é o maior delivery de comida chinesa do nosso país. Conta com mais de 170 restaurantes, fatura muitos milhões de reais por ano e emprega mais de 4.500 colaboradores.

Os três exemplos expostos têm em comum o fato de que as inovações foram propostas por empreendedores que, por se incomodarem com os produtos existentes ou com o nível de serviço insuficiente, colocaram em prática a destruição criativa em prol da evolução. E, mais do que isso, se tornaram diretamente responsáveis pela prosperidade financeira das empresas envolvidas, seja no caso do Robinson Shiba, que criou e geriu a própria empresa, ou no caso do Tony Fadell e do Taiichi Ohno, que incorporaram as suas inovações empreendedoras nas estruturas de grandes empresas tradicionais, que também é uma possibilidade para empreender.

**Saiba mais**



Para conferir os relatórios produzidos pelo programa de pesquisa [*Global Entrepreneurship Monitor*](https://ibqp.org.br/gem/download/?_ga=2.213981535.933837250.1672238150-740340423.1672238150)(GEM), basta clicar e acessar.

O portal on-line do [Sebrae](https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae)é ótimo para aprofundamento nos assuntos relacionados ao empreendedorismo, especialmente no Brasil.

**Referências**



CRUZ, C. F. **Os motivos que dificultam a ação empreendedora conforme o ciclo de vida das organizações**. Um estudo de caso: Pramp’s lanchonete.2005, 125 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo:**transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2001.

JULIANO, M. de C. **Empreendedorismo**.Londrina, PR: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.

ONOZATO, E. *et al*. **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil:**2019.Curitiba, PR: IBQP, 2020. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2022.

SCHUMPETER, J. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Cultural, 1985.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo e democracia**. São Paulo: Unesp, 2017.